

## Índice

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| 1. Prefácio sem número                | 11 |
| 2. Rumo ao farol                      | 15 |
| 3. O homem sem qualidades             | 19 |
| 4. A invenção de Morel                | 23 |
| 5. O deus das moscas                  | 27 |
| 6. Ruído branco                       | 31 |
| 7. O inominável                       | 35 |
| 8. A maçã no escuro                   | 39 |
| 9. Riso na escuridão                  | 41 |
| 10. As cidades invisíveis             | 45 |
| 11. Petersburgo                       | 49 |
| 12. Fome                              | 53 |
| 13. A mancha humana                   | 57 |
| 14. G.                                | 61 |
| 15. O apanhador no campo de centeio   | 63 |
| 16. A menina Else                     | 67 |
| 17. O coração das trevas              | 69 |
| 18. O nariz                           | 73 |
| 19. Na minha morte                    | 75 |
| 20. Berlim Alexanderplatz             | 79 |
| 21. A primavera há de chegar, Bandini | 83 |
| 22. O céu é dos violentos             | 87 |
| 23. Estrela distante                  | 89 |
| 24. Hora: noite                       | 91 |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 25. O deserto dos tártaros       | 95  |
| 26. A voz subterrânea            | 97  |
| 27. À espera dos bárbaros        | 99  |
| 28. Sanatório                    | 103 |
| 29. O estrangeiro                | 105 |
| 30. A montanha mágica            | 107 |
| 31. Sobre as falésias de mármore | 111 |
| 32. A metamorfose                | 113 |
| 33. Filho de Jesus               | 115 |
| 34. O jogo da macaca             | 117 |
| 35. Um, ninguém e cem mil        | 121 |
| 36. Em busca do tempo perdido    | 123 |
| 37. Ulisses                      | 127 |
| 38. Fim                          | 131 |
| <br>                             |     |
| Bibliografia                     | 135 |

## 1. Prefácio sem número

Lemos muitas vezes no prefácio de um livro a frase “este livro é sobre”, e depois vem o livro, como se existisse a realidade, que é o que é, e existissem os livros, que são sobre a realidade. Não é assim. Os livros, pelo menos, não são assim.

Trata este livro da luta entre o amor e o sexo, e a suspeita de que não será o melhor dos dois a sair vencedor. O amor, distante, e o sexo, já se sabe, perigoso e próximo. Ela, Heller e o mundo entre eles, o triângulo é amoroso e imperfeito. Heller ama a sua amada, que se acha noutra lugar, algures, e Heller não sabe o que o mundo faz, intrometendo-se entre ele e a amada. Quem ama quem? Onde nasceu esta comunhão de almas, se as almas existem, se as almas comungam? De onde surgirá a personagem mais importante? A amada não está. Hans Heller suspeita que a sua vida, de ora em diante, vai reduzir-se a uma sequência de encontros apressados com personagens de romance, e nenhum deles o amor. Ora em diante, Heller, mas ora! Tens diante de ti uma tortura triangular, com dois lados iguais. A amada tortura Heller com a sua ausência, e o mundo tortura Heller, com a sua insuportável omnipresença.

No princípio, Heller socorrera-se da literatura. Desesperadamente. Manuseara os livros com a suspeita de que lia sempre a mesma página. Procurou a ajuda de mapas. Estava no centro de

uma cidade, teoricamente perdido, e retirara do bolso um mapa. Pela primeira vez, o sentimento magnífico de desembrulhar uma cidade aos seus pés, reduzindo todos os factos a uma escala comestível. Era impossível encaixar os factos na realidade, e os factos eram as ruas, os prédios, o rio, mas era bastante fácil enfiar a realidade nos factos. Olhou em volta, surpreendido com os edifícios, o património humano. Quis pontapear uma pedra. Alguém lhe narrara a história do diabo desafiando deus a criar uma pedra tão pesada que o próprio deus, depois, não a pudesse levantar. A onnipotência era a armadilha: deus ora fazia uma pedra demasiado pesada, ora não a fazia. Em qualquer caso, não fazia uma das coisas e não fazer é péssimo para a onnipotência. Deus pode, não pode? Felizmente Heller não era deus, Heller era Heller. Heller deu um pontapé na pedra, que voou para longe.

Hans Heller procura a amada com o zelo de um amante amoroso. O método é o amor, mas a amada não está lá. E como o amor é impotente perante grandes distâncias! Ela procura-me e eu procuro-a, fantasiava Heller. O sentimento abstrato do amor emanava um odor de amantes unidos aos pares, embaraçados pela distância. Ainda não estamos juntos, admitia Heller, passeando um dedinho atencioso pela realidade do mapa. Se confiarmos na realidade, iluminaremos o mundo. Seremos atletas, seremos fanáticos. Mas Heller procurava a amada sem excessos de zelo. Era um atleta da preguiça. Era um apaixonado aéreo que acreditava em uma, muitas realidades, e via-as do alto, sem pressa. Conferiu os contornos da cidade no mapa e depois apontou novamente o centro. A realidade acenava-lhe com a possibilidade de inúmeras amadas. Por ora, Heller ignorava o nome das ruas, dos bairros, um número de porta sequer, onde pudesse bater. Mas tinha um mapa, e um mapa é um precioso manual de instruções, mesmo quando vamos a lugar nenhum. O mapa é um livro que nos ensina a fazer coisas com as mãos, é uma interrupção da leitura pela realidade dos factos, que é a melhor realidade. Um mapa encoraja-nos a viajar, a construir uma casa, a fabricar móveis em madei-

ra, beijar um a um os nossos muitos amores perdidos, passados, até algum amor reencontrado.

Seguiu em linha reta. A avenida imitava na realidade a linha reta do mapa. Uma reta é uma reta é uma reta, nisso uma reta é como uma rosa. As ruas antigas e muito sinuosas, Heller percorria-as como perversões aumentadas a partir de um rabisco minúsculo no mapa, invisível a olho nu. O mapa não interpreta, traduz. Um intérprete decide em segundos, sem a ajuda de livros ou bibliotecas. Já o território do tradutor é a pausa. O tradutor lê e toma o seu tempo, escolhe e aclara, há quem acredite que aperfeiçoa. A diferença entre um intérprete e um tradutor é a velocidade. A tradução é uma interpretação que demora; o mapa, um tradutor excelentíssimo. Nisso, uma tradução é como os dinossauros. Como os dinossáurios. “Estou atrasado para uma tradução”, eis uma afirmação sem significado. Heller tomava o tempo necessário, examinando com demora a versão apequenada da cidade. Se possuído pela pressa, escolheria o caminho errado e encontraria uma outra mulher, ou a mulher de um outro, e isso seria terrível, especialmente para o outro. O tradutor traduz a palavra “tradutor” por “traidor”. Trata-se de um erro. Heller não é um traidor. Por enquanto.

Olhemos em volta. Sim, até na mais pequena cidade monumental se encontram pontos altos, bastante óbvios, e praças tão extraordinariamente extensas que ocultam a melhor intimidade de numerosos casais. “Abre os olhos e vê”, disse-se Hans. Há milagres assim, aumentam a visão dos desgraçados com palavras simples. “Abre bem os olhos e vê.” Ou: “Levanta-te e caminha.” Heller queria abrir os olhos e queria caminhar. Dois milagres, portanto.

Caminhar na direção da amada era resolver um puzzle fazendo desaparecer as peças, uma a uma, até o sentido de tudo se revelar à frente dos nossos olhos. Um puzzle diante de nós? Isto é religioso? Puzzle, orai por nós. Desorientado, Heller sentia-se cerca-

do por cenas suíças, de destino turístico, uma paisagem de Monet, uma figura de Manet, um lago japonês ladeado por uma calma florida e inexplicável. Heller praticaria esse exercício com a amada: reunir as peças e descobrir o sentido último, o momento em que o casal se reúne no fim, em carne e osso, emergindo de mãos dadas do meio da barriga de uma grande metrópole.

A arte da cidade não é uma arte breve. As margens são duras de compreender, são o contrário das margens de um puzzle. A teia melindrosa de imóveis e arruamentos é tão misteriosa nas metrópoles como o azul do céu ou a areia repetitiva do deserto nos puzzles que confundem as crianças. O temor que inspiram essas massas de uma só cor na paisagem do puzzle iguala em futilidade o gesto de olhar o céu para encontrar a amada. A minha amada está no céu, não está no mapa, exclamam os infelizes.

— Onde está ela? — pergunta-se Heller.

Ao contrário do habitual neste nosso tempo ansioso com o tempo, Heller estava ansioso com o espaço.

— E que horas são? E qual o seu nome?

Oh, o tempo, o espaço, o nome da amada, eram tantas as ansiedades! Heller estava incapaz de soletrar um único nome. Nada de grave. No bolso, muito próximo do sexo, guardava religiosamente um daqueles bilhetinhos apaixonados que começa com “Minha muito querida...”, a que se segue a repetição doentia do nome da amada. Duas, três vezes o mesmo nome, a caligrafia dos bilhetes de amor é ridícula, incompreensível.